

Tecnologias móveis e trabalho docente

Edvaldo Souza Couto



Circula em sites uma história sobre a longevidade. Começa com a foto de uma senhora, com quase cem anos. Seus cabelos brancos estão presos e desalinhados. Sua pele tem as marcas do tempo voraz, rugas acumuladas. Usa óculos. Porta, na cabeça, uma coroa. Talvez para celebrar a vida longa e feliz. É uma imagem cheia de doçura.

A foto é acompanhada de um relato que tenta explicar a longevidade dos professores. Conta que um médico saiu a caminhar e encontrou essa velhinha sentada num banco de praça. Perguntou: “Nota-se que a senhora está bem. Qual é o seu segredo para uma vida longa?”

“Sou professora. Durmo às quatro horas da manhã elaborando e corrigindo tarefas dos alunos. Acordo às seis. Não pratico esportes, não me divirto, não tenho tempo para vida cultural, amigos ou familiares.

Trabalho em tempo integral, nas avaliações, organizando aulas, preenchendo diários, escrevendo relatórios. O planejamento das atividades é longo, cansativo. Escolho textos, seleciono na internet músicas e vídeos para não deixar as aulas monótonas. Não tenho tempo para os meus filhos, só para os dos outros. Estou sempre atrasada. Tenho mais atividades do que posso dar conta. Não tiro férias. Daqui a pouco volto para o computador. Acompanharei as produções dos alunos, centenas de mensagens, incontáveis postagens no moodle, blogs e listas de discussões. Participo de reuniões com pais e colegas, escrevo pareceres, pesquiso e publico cada vez mais artigos e livros. Oriento as pesquisas dos alunos. É uma correria sem fim. A infra-estrutura da escola é precária. O professor tem que cuidar de tudo. E ainda tenho que elaborar um projeto atrás do outro, concorrer aos editais, conseguir financiamentos, fazer as prestações de conta. Sou avaliada por todas essas atividades. E os avaliadores, outros colegas tão cansados como eu, dizem que não faço o suficiente, que a minha produção é baixa e pouco qualificada. O salário é pequeno. Não tomo café da manhã, não almoço nem janto porque não dá tempo.”

O médico exclamou: “Mas isso é maravilhoso. A senhora leva uma vida totalmente ativa. Quantos anos tem?”

“Hoje eu completo 37 anos.”

Ironia das ironias. Essa história, que seria uma louvação sobre a longevidade, se transforma no horror a um modo de vida que acelera o envelhecimento precoce dos professores.

Todos reclamam do aumento sistemático do trabalho docente. Quase sempre se trata de um volume muito grande de tarefas que não é computado oficialmente na carga horária tradicional nem é remunerado. Também não é raro encontrar pessoas acusando as tecnologias móveis de comunicação e informação como responsáveis pelo trabalho em tempo integral. Agora vivemos conectados. Mas a conexão permanente, de um lado, pode melhorar nossas vidas, ampliar divertimentos. De outro, o que parece prevalecer, os períodos de descanso e trabalho se embaralham, o

trabalho nos interpela e a ele precisamos dar respostas imediatas, produzir mais. Temos professores aborrecidos, cansados e perdidos entre diversas atividades que multiplicam o trabalho docente, principalmente na rede. Pois quanto mais o professor é conectado, ativo e imerso na rede mais trabalho ele tem. Trabalhar em grupo, de modo colaborativo, e melhor remunerado talvez sejam alternativas para sairmos desse círculo vicioso da desmotivação e do estresse. Sendo fonte de entusiasmo coletivo o trabalho docente poderá vir-a-ser um fator marcante da vida feliz, um vetor de rejuvenescimento e de vida longa dos professores.

sobre o(a) autor(a):

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED-UFBA, membro do GEC – Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação

Edvaldo@ufba.br